



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH *CAMPUS IX***  
**COLEGIADO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

CAUANA MICHELE ARAÚJO DOS SANTOS

**UM ESTUDO SOBRE O TRABALHO DE  
PROFESSORES DE CIÊNCIAS COM ALUNOS COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

BARREIRAS-BA  
2020

CAUANA MICHELE ARAÚJO DOS SANTOS

**UM ESTUDO SOBRE O TRABALHO DE  
PROFESSORES DE CIÊNCIAS COM ALUNOS COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – Campus IX, como um dos pré-requisitos para a obtenção do Grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Me. Raquel Lima Besnosik.

BARREIRAS-BA  
2020

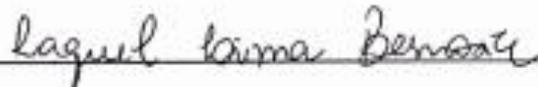
CAUANA MICHELE ARAÚJO DOS SANTOS

UM ESTUDO SOBRE O TRABALHO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS COM  
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

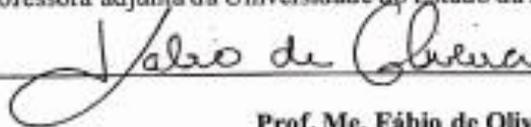
Monografia aprovada pela Universidade  
do Estado da Bahia, como um dos pré-  
requisitos, para obtenção do grau de  
Licenciada em Ciências Biológicas.

Aprovada em: 10 de 02 de 2020

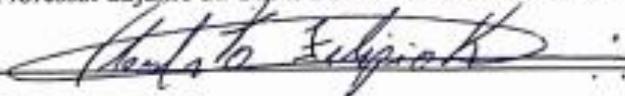
BANCA EXAMINADORA



**Profa. Me. Raquel Lima Besnosik**  
Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - *Campus IX*



**Prof. Me. Fábio de Oliveira**  
Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade Federal da Bahia - UFBA  
Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - *Campus IX*



**Prof. Clauberto Felípiak**  
Especialista em Biologia Manejo Integrado de Fauna e Flora pela Universidade  
do Estado do Paraná - UNESPAR  
Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - *Campus IX*

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB  
Dados fornecidos pelo autor

S237u

Santos , Cauana Michele Araújo dos

Um Estudo Sobre o Trabalho de Professores de Ciências com Alunos com Transtorno do Espectro Autista / Cauana Michele Araújo dos Santos .-- Barreiras, 2020.

36 fls.

Orientador(a): Profa. Me. Raquel Lima Besnosik.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Ciências Biológicas) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

1.Aluno autista. 2. Inclusão. 3. Estratégias.

CDD: 507

Aos meus pais que, desde o início, acreditaram e  
contribuíram de forma imprescindível para o meu  
sucesso acadêmico.

## **AGRADECIMENTOS**

Á Deus por ter me dado saúde e perseverança na fé para que continuasse em minha caminhada pela vida e busca de meus objetivos. Aos meus pais amados, pelos ensinamentos de toda uma vida, que me fizeram ser a pessoa que sou hoje, determinada, forte e ética.

A meu amigo Janderson Hiago Guimaraes, que me acompanhou desde o começo, me orientando e incentivando a estudar, e me manter firme na academia sem esmorecer, acompanhando-me em todo o processo de desenvolvimento da monografia, desde o interesse pelo tema até sua concretização.

Aos professores do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas que participaram de minha formação acadêmica e que permitiram meu amadurecimento intelectual.

Em especial agradeço a minha orientadora a professora Raquel Lima Besnosik que me orientou desde o primeiro dia em que a procurei e demonstrou toda atenção e dedicação para a construção da monografia e aos demais, amigos, professores e todos aqueles que de forma, direta ou indireta, contribuíram não só na construção da monografia, mas na minha formação pessoal.

## RESUMO

O chamado Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) significa um conjunto de Transtornos neurodesenvolvimentais de causas orgânicas, no âmbito educacional, é importante salientar o trabalho de professores e auxiliares que requer uma atenção muito grande às pessoas que o possuem, na condução de técnicas de intervenção que devem ser elaboradas com paciência, concentração e valorização do tempo de aprendizagem da criança. Diante dos fatores apresentados, o objetivo geral deste estudo é analisar o trabalho de professores de ciências do 1º e 9º ano em relação a alunos com TEA, seguindo dos objetivos específicos: identificar a concepção dos professores de ciências sobre a Educação Especial e o Autismo; observar as estratégias utilizadas com alunos autistas no ensino de ciências; e investigar como a relação do professor com o auxiliar em sala de aula interfere em seu trabalho com o aluno autista. Para obtenção dos dados, foi elaborado questionário com sete perguntas e três blocos avaliativos em dez escolas pré-selecionadas pela secretaria de educação da Cidade de Barreiras com a participação de dez professores de Ciências de turmas 1º a 9º ano dos Ensinos fundamentais 1 e 2. Quanto aos resultados, foi possível perceber que a maioria dos professores entende o que significa inclusão e autismo, utilizam estratégias que contemplem as crianças e adolescentes com TEA, mantém uma boa relação com os auxiliares em sua maioria e trabalham com as salas de AEE como componentes da educação. Verifica-se que a inclusão efetiva dos alunos com TEA depende das condições que a escola e os professores dispõem para oferecer e isso passa pela construção de políticas públicas mais eficientes para atender os indivíduos com necessidades educacionais específicas.

**Palavras- chave:** Aluno autista; Inclusão; Estratégias.

## ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) means a set of neurodevelopmental disorders of organic causes, in the educational scope, it is important to highlight the teachers work and assistants that requires a great deal of attention to the people who have it, in conducting techniques of interventions that must be developed with patience, concentration and appreciation of the child's learning time. In view of the factors presented, the general objective of this study is to analyze the science teachers work of the 1st and 9th grades in relation to students with Autism Spectrum Disorder, following the specific objectives: to identify the conception of science teachers about Special Education and the Autism, observe the strategies used with autistic students in science teaching, and investigate how the relationship between the teacher and the classroom assistant interferes in their work with the autistic student. In order to obtain the data, a questionnaire with seven questions and three evaluation blocks was prepared in ten schools pre-selected by the education department of the Barreiras City with the participation of ten science teachers from classes 1st to 9th grade of Elementary School 1 and 2. As for the results, it was possible to observe that the majority of teachers understand what inclusion and autism means, use strategies that contemplate children and adolescents with ASD, maintain a good relationship with the majority of assistants and work with ESA rooms as education components. It turns out that the effective inclusion of students with ASD depends on the conditions that the school and teachers have to offer and this involves creating more efficient policies to help individuals with specific needs.

**Keywords:** Autistic student; Inclusion; Strategies.

## **LISTA DE SIGLAS**

**AEE-** Atendimento Educacional Especializado

**INEP-** Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa

**ONU-** Organização das Nações Unidas

**TCLE-** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**TEA-** Transtorno do Espectro Autista

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 O Autismo .....	12
2.3 A importância da escola no desenvolvimento do aluno autista.....	15
2.4 Estratégias de ensino para o processo educativo de alunos autistas.....	16
3 METODOLOGIA.....	20
3.1 Abordagens da Pesquisa de Campo Qualitativa.....	20
3.2 Contexto de Realização da Pesquisa .....	20
3.3 Participantes .....	20
3.4 Instrumentos e Procedimentos de Pesquisa.....	21
3.5 Análise de Dados.....	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	22
4.1 Compreensão sobre os processos de inclusão e sobre o conceito do TEA .....	22
4.2 Abordagem do aluno com TEA nas aulas de Ciências.....	24
4.3 Questões metodológicas e a relação com o auxiliar e o AEE .....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	28
REFERÊNCIAS .....	30
APÊNDICE A .....	34
APÊNDICE B.....	36

## 1 INTRODUÇÃO

O chamado Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) significa um conjunto de Transtornos neurodesenvolvimentais de causas orgânicas, caracterizado por dificuldades de interação e comunicação que podem vir associadas a alterações sensoriais, comportamentos estereotipados e/ou interesses restritos, com manifestação diversa de seus sinais, são comuns em períodos da infância, podem surgir somente quando as demandas extrapolarem os limites de suas capacidades (GOLENDZINER, 2011).

Quando se ouve a palavra “autismo”, logo vem à mente a imagem de uma criança isolada em seu próprio mundo, contida numa bolha, que brinca de forma estranha, balança o corpo para lá e para cá, alheia a tudo e a todos, geralmente associada a alguém “diferente”, de nós, que vive à margem da sociedade, e tem uma vida extremamente limitada, em que nada faz sentido. Porém, não é bem assim, esse olhar nos parece estreito demais. Quando falamos em autismo estamos nos referindo a pessoas com habilidades absolutamente reveladoras, que calam fundo na nossa alma, e nos fazem refletir sobre quem de fato vive alienado (SILVA, 2012).

É importante salientar também o trabalho de professores e auxiliares da Educação que convivem com crianças e adolescentes com necessidades educacionais específicas, como o autismo. Esse manuseio requer uma atenção muito grande às pessoas que possuem este transtorno. Para desempenhar essa intervenção, é indispensável técnicas pautadas na paciência, concentração e valorização do tempo de aprendizagem da criança ou do adolescente, que esteja sendo atendido para conduzir o indivíduo ao convívio com outros e ao mesmo tempo respeitando suas limitações.

A inclusão da criança e do adolescente em sala de aula é um tema que leva a sociedade a rever a velha prática do isolamento em relação aos indivíduos com necessidades educacionais, isso porque, para muitos, a criança com algum tipo de deficiência ou transtorno não deveria conviver com outras crianças ou jovens da mesma idade, por possuir limitações que as outras não apresentam, mas, a ideia da Educação inclusiva é totalmente diferente. É importante haver uma interação entre crianças e adolescentes “diferentes”, pois, o convívio e a união faz com que o autismo não seja considerado um fator de isolamento e reclusão, mas uma condição de vida, que pode ser

trabalhada com muito esforço e dedicação por quem a possui e pelos profissionais da Educação.

Diante dos fatores apresentados, o objetivo geral deste estudo é analisar o trabalho de professores de ciências do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental 1 e 2 em relação a alunos com Transtorno do Espectro Autista. Os objetivos específicos são: identificar a concepção dos professores de ciências sobre a Educação Especial e o Transtorno do Espectro Autista; observar as estratégias utilizadas com alunos autistas no ensino de ciências; e investigar como a relação do professor com o auxiliar em sala de aula e com o profissional do Atendimento Educacional Especializado interfere em seu trabalho com o aluno autista.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O Autismo

O autismo é um Transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos três anos de idade e se prolonga por toda a vida. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70 milhões de pessoas são acometidas pelo transtorno, que conta com uma tríade de sintomas para seu diagnóstico. São áreas que são prejudicadas: a habilidade social, incluindo uma dificuldade de interpretar os sinais sociais e as intenções dos outros impedindo que as pessoas com autismo percebam corretamente no ambiente onde vive, a segunda área comprometida é a de comunicação verbal, e não verbal, já a terceira é das inadequações comportamentais (SILVA, 2012).

Segundo Sifuentes e Bossa (2010), trata-se de um distúrbio do desenvolvimento complexo e pode ser identificado como uma síndrome comportamental de etiologias múltiplas com graus variados de severidade.

De acordo Araújo (2018), o Autismo está classificado como Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, no Manual Estatístico de Doenças e Problemas relacionados à Saúde, que é um transtorno do desenvolvimento crônico que envolve comprometimento na interação social, na comunicação e um repertório restrito de atividades e interesses, apresentando manifestações que variam de caso para caso.

Oliveira *et al.*, (2017), afirmam que o autismo tem sido tema de vários debates, tanto em âmbito nacional quanto global, para pais, familiares, profissionais acadêmicos, gestores e os próprios autistas tem promovido ampla discussão, a partir de diferentes posições sobre os possíveis fatores etiológicos, assim como a organização de políticas de cuidado e o arcabouço legal de garantia de direitos.

O autismo pode surgir nos primeiros meses de vida, mas em geral, os sintomas tornam-se aparentes por volta dos três anos de idade. Percebe-se na criança o uso insatisfatório de sinais sócio emocional e de comunicação além da falta de reciprocidade afetiva (LEAL, 2017).

Para Schimdt (2017), é comum as pessoas com autismo iniciarem uma interação de forma idiossincrática, seja tomando a iniciativa de manipular o cabelo, por interesse

na textura ou aproximando excessivamente sua face da do interlocutor, onde a conversação tende a se mostrar pobre em qualidade e fluência devido à redução do compartilhamento de interesses, emoções e afetos.

A inclusão escolar de alunos autistas tem como propósito inserir todas as crianças e adolescentes no âmbito escolar independentemente do seu grau de desenvolvimento, assim, tendo como finalidade inserir a criança sem preconceito nenhum na sala de aula (SILVA; NUNES; SOBRAL, 2018).

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (TEODORO; GODINHO; HACHIMINE, 2016).

Camargo e Rosa (2012) enfatizam que a literatura relata prejuízos no desenvolvimento das habilidades de alunos autistas porque o enfoque nas potencialidades dessas crianças é inexpressivo, todavia, para além das discussões das limitações características do autismo faz-se necessária a consideração da importância do ambiente no desenvolvimento dessas crianças.

Segundo Figueira (2014), quanto maior for a aceitação, maior será o envolvimento no processo terapêutico e educacional da criança ou do adolescente, para isso, o papel de pais e professores é imprescindível, pois próximos, podem proporcionar para as crianças melhores oportunidades no desenvolvimento de suas capacidades, seja qual for sua limitação.

De acordo o censo de 2016 do Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa, as escolas públicas ampliaram as matrículas de alunos público-alvo da Educação Especial na rede regular de ensino, com isso é possível verificar que 57,8% das escolas do Brasil têm alunos que são público-alvo da Educação Especial incluídos em suas classes comuns, sendo que em 2008 eram 31%, porém, ocorre que sua permanência no ensino regular e o acesso ao ensino de qualidade ainda não são assegurados, essas dificuldades aumentam quando se trata de alunos com autismo (INEP, 2016).

A educação inclusiva está inserida dentro das realidades de ensino privado e público nas escolas do Brasil, porém não garante a qualidade de ensino. Muitas são as barreiras encontradas no decorrer da construção do conhecimento e da autonomia dos

seus educandos. O fato é que, em sua atual perspectiva, a inclusão espera que o aluno autista entre no ensino regular e que nele ocorram oportunidades iguais, para que estes alunos consigam se desenvolver como os demais (LEAL, 2017).

Kelman (2010) defende que a inclusão ocorra numa perspectiva dialógica, onde são refletidas e discutidas a situação que envolve a inclusão bem como possíveis soluções, corroborando ainda para enriquecer este trabalho. No entanto, para esses alunos receberem essa devida atenção, é necessário que as escolas se apropriem de fato do seu problema visando garantir um atendimento a particularidade de cada aluno de modo que os traga um desenvolvimento positivo e ensino de qualidade.

Segundo Brande e Zanfelicce (2012), os desafios trazidos pela inclusão escolar são previamente conhecidos pelos participantes do ambiente, diretores, coordenadores, professores e até mesmo pais, sendo por isso impulsionadores de aprendizagens para todos esses personagens. O que pode tornar mais exitosa essa união é a criação de uma ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento profissional da docência que possibilite o trabalho colaborativo, na qual os professores reunidos com seus pares partilhem experiências, visões e interpretações, conhecimento e proponham soluções para atender os portadores de necessidades especiais da melhor forma possível.

Para Silva (2019), diante das constantes referências às dificuldades de implantação de um projeto inclusivo nas escolas, acredita-se que seja necessário considerar, não só os entraves político-pedagógicos, tão comumente mencionados, mas também as vivências estimulantes e frustrantes surgidas no cotidiano das relações estabelecidas entre os participantes da comunidade escolar, imaginando que as escolas já se debatem para conviver com a diversidade sociocultural.

Segundo Lima (2018), para a inclusão de alunos com algum tipo de deficiência, em especial portadores de autismo, a psicologia escolar pode ser uma estratégia para o acompanhamento do aluno, para que seja resguardada sua integridade mental, com o objetivo de problematizar a qualidade de ensino, os altos índices de analfabetismo, evasão escolar, além da inclusão de alunos com limitações e a qualidade de formação dos profissionais da educação.

Faz-se necessário que todos entendam o real conceito da educação inclusiva, que pode ser compreendida como uma reviravolta institucional que consiste no fim dos

iguais versus diferentes, normais versus deficientes, no entanto, e educação inclusiva é uma educação que está voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconhece e valorizam as diferenças, elas precisam ser reconhecidas e valorizadas, sem preconceito (DUARTE, 2019).

### **2.3 A importância da escola no desenvolvimento do aluno autista**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um assunto que precisa ser abordado e estar presente nas escolas, onde na atualidade os profissionais da área da educação precisam estar atualizados e preparados para receber alunos com diversas necessidades educacionais e apresentar a preparação dos profissionais para o atendimento desse aluno, com dificuldades de aprendizagem (RESENDE, 2019).

Compete à escola adaptar-se para atender as capacidades e necessidades do estudante na classe comum, mobilizando ações e práticas diversificadas que, além do acesso, propicie condições de permanência exitosa no contexto escolar. (KELMAN, *et al.*, 2010).

Para Oliveira (2018), aplicar um trabalho pedagógico adequado ao contexto do aluno autista é um desafio para o professor que necessita de preparo e sensibilidade, no sentido de compreender como ocorre o autismo, suas características e como proceder. Isso possibilita ao docente direcionar a criança com autismo favorecendo seu desenvolvimento.

Tendo em vista que o processo de inclusão do aluno autista pode ser conturbado no que diz respeito aos métodos e abordagens utilizadas para a adaptação do estudante ao ambiente de sala de aula, torna-se necessário o acompanhamento de um mediador na própria escola, para sempre dar suporte ao autista (GOMES, 2019).

Segundo Serra (2010), especialmente no caso de alunos autistas, o professor além de educador é um terapeuta. Uma vez que o terapeuta observará que o processo de tratamento da criança, envolve um procedimento abrangente e estruturado de ensino-aprendizagem: o de reaprendizagem.

A inclusão de alunos autistas em escolas regulares significa uma preparação para a vida em sociedade, percebendo dessa forma uma imensa oportunidade para seu

convívio social e também para conscientizar as demais crianças ou jovens quanto às diferenças, ou seja, nesse processo cabe a intervenção do educador que com cautela incentivará nas mesmas os valores e ideais saudáveis para a boa convivência e o respeito para com o próximo (SILVA, 2019).

Segundo Leal (2017), a educação de alunos autistas está inserida dentro das realidades do ensino privado e público no Brasil, porém não garante a qualidade de ensino, muitas são as barreiras encontradas no decorrer da construção do conhecimento e autonomia dos seus educandos.

Para Dias (2018), o movimento de inclusão educacional proporcionou a abertura para alunos com diagnóstico de autismo ou demais transtornos serem vistos e discutidos dentro do sistema de ensino. Mesmo apresentando dificuldades no desenvolvimento (comunicação, comportamental, motor...), o aluno deve ser atendido e recebido pelas escolas, que precisam oferecer a ele condições de desenvolvimento e permanência.

O acompanhamento diário ao aluno revela o quanto é necessário um profissional de apoio preparado, que busque alternativas criativas, lúdicas e adaptadas para facilitar a aprendizagem das crianças com transtorno, além disso, observa-se a importância de se criar relações afetivamente significativas e positivas com o aluno autista, uma vez que o será o seu mediador na escola regular de ensino.

#### **2.4 Estratégias de ensino para o processo educativo de alunos autistas**

Mesmo com os desafios existentes na inclusão escolar do autista em sala de aula, a escola precisa desenvolver atividades pedagógicas adequadas às necessidades dos alunos. Sabe-se que é a partir da inclusão escolar que o autista desenvolve suas habilidades e vivências na sociedade. Essa inserção vai além dos aspectos do desenvolvimento, é fundamental para valorizar a criança e respeitá-la, mesmo com suas limitações (MARQUES, 2018).

A escola tem um papel crucial no nível da educação, na elaboração de estratégias para que os alunos autistas possam desenvolver capacidades de interagir com todas as outras crianças ou jovens. Para isso, os objetivos dessas atividades devem modificar seus métodos e seu ambiente, principalmente trabalhos que envolvam novas aprendizagens, cuidados pessoais, vida social e lazer (SILVA *et al.*, 2018).

Na concepção de Fernandes (2015), os professores dever ser preparados para entenderem que só há inclusão de pessoas com necessidades educacionais específicas no espaço educacional, se todos estiverem empenhados em contribuir para edificação de um trabalho mais humano e acolhedor com estratégias de trabalho eficientes.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) pode ser considerado uma ferramenta de apoio à inclusão nas escolas de ensino regular, que deve funcionar em salas com materiais didáticos adequados, com os profissionais que possuem formação para o atendimento à alunos com necessidades educacionais específicas, assim oferecendo a esses alunos o acesso ao conhecimento (GOMES, 2019).

Para Luterek e Machado (2016), o lúdico é uma estratégia que explora o brincar e o jogar como ações naturais de determinadas fases da vida das crianças. Mas, além disso, a atividade lúdica é extremamente importante para o processo de ensino-aprendizagem, indiferentemente de a criança possuir Transtorno do Espectro Autista ou não. Diversos benefícios são advindos do uso do lúdico como estratégia pedagógica, pode, em sua abordagem, conseguir identificar as habilidades e aptidões desses alunos, trabalhar os comandos, as tanto na esfera cognitiva quanto na social, biológica, motora e afetiva.

Uma plataforma de ensino por meio de jogos eletrônicos utiliza objetos da matemática, por exemplo, como uma estratégia tecnológica: o *Scratch*. É uma utilização para conhecimento dos números: usos, história, ordenação, associação com pontos de reta numérica e operações. As crianças com TEA podem utilizar a plataforma digital para jogos e aprimoramentos educacionais (EGIDO *et al.*, 2018).

Segundo Diogo *et al.*, (2018), uma estratégia que pode ser utilizada como metodologia de ensino é um *quiz* onde espera-se que o aluno responda e assim se verifique a aprendizagem dos conteúdos ensinados durante as aulas, de modo a diagnosticar a situação da aprendizagem, com vistas a fornecer informações ao professor na tomada de decisão para investir na melhoria da qualidade do desempenho de forma inclusiva.

Para conseguir êxito nas estratégias de ensino para os autistas, é preciso muitas vezes recriar os espaços educativos de trabalho escolar e a sala de aula, que costumam ou excluir os autistas de atividades coletivas, dificultando sua interação com os demais

colegas e progressos cognitivos, ou não conseguir ajustar as atividades de maneira eficiente e específica para atender algumas necessidades do transtorno. Crianças autistas, por exemplo, tendem a se fixar mais em detalhes do que no todo, prestando mais atenção em um luminoso sinalizando a saída do que em uma atividade cultural, como um filme. Evitar estratégias que provoquem conversas paralelas pode ser importante, pois os autistas tendem a prestar mais atenção nas movimentações faciais, perdendo informações relevantes do assunto (AZEVEDO, 2018).

Na visão de Machado e Correa (2018), leitura e conto de histórias para a turma a partir de gravuras, ou de filmes apresentados, cantando músicas, utilizando jogos e brincadeiras de adivinhas, motivando os alunos a lerem essas produções, mesmo que pequenas, são essenciais para toda classe ou pequenos grupos.

Na educação formal e não formal, dotar os espaços de aprendizagem de condições efetivas para a inclusão de alunos com qualquer tipo de deficiência é uma missão não apenas das instituições de ensino, mas também de toda a sociedade. Para isso acontecer, além da adequação dos espaços, requisita-se também a formação de professores e gestores para atuação nessa área (FREITAS; DELOU; CASTRO, 2015).

Silva *et al.*, (2019), indica a Educação Física como uma ótima estratégia para alunos com autismo, isso porque o educador físico disfuncões motoras, aplicando determinados exercícios.

Faz-se necessário criar e organizar estratégias que percebam as questões individuais e de grupo que permeiam o processo de aprendizagem, e utiliza-las a seu favor, seja como pistas para estudo e pesquisa, seja como produção de práticas pedagógicas que tencionem permanentemente os processos de ensino e aprendizagem implementados em sala de aula (HATTGE; KLAUS, 2014).

O esporte ou modalidade esportiva judô pode ser considerada uma prática de inclusão escolar para alunos que sofrem de autismo, pois, utilizam de alavancas de movimentação para auxiliar no dia a dia, ensinando a cair e levantar, a disciplina e o respeito às pessoas. É importante ressaltar que essa prática é indicada pela necessidade de uma prática corporal com objetivo de desenvolvimento das habilidades motoras e valências psicomotoras (TELES; CRUZ, 2016).

Para Silva e Balbino (2015), as estratégias educativas adaptadas direcionadas para o desenvolvimento da aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista exigem uma transformação que proporcione o avanço das inúmeras habilidades dos alunos com TEA, mas as mesmas podem ser desenvolvidas visando romper as maiores dificuldades.

Fink (2018), defende que estratégias de inclusão devem incluir um conjunto de práticas leve os indivíduos a olharem para si e para outro, visto que as práticas e estratégias fazem com que os alunos desempenhem habilidade.

As estratégias de atuação do docente numa classe com aluno autista devem basear-se sempre tanto em sua formação, como em sua sensibilidade e experiências, para proporcionar a este aluno o que lhe é garantido por lei, uma inclusão de qualidade. Para isso, é necessário urgentemente incluir no currículo das formações iniciais e continuadas destes profissionais mais cursos voltados para esta especificidade.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Abordagens da Pesquisa de Campo Qualitativa**

Esse estudo teve como objetivo principal investigar a maneira como professores do ensino fundamental 1 e 2 de (1ª a 9º ano) lidam com alunos que possuem autismo em sala de aula. Para tal, foi utilizada metodologia qualitativa, visto que se trata de um método para exploração e entendimento de como os indivíduos interpretam um problema social.

Essa pesquisa permite o aprofundamento da temática e permite a discussão sobre a prática docente, pela importância da percepção dos profissionais da Educação em relação ao autismo, e como procedem com crianças e jovens que apresentam tais características em sala de aula.

#### **3.2 Contexto de Realização da Pesquisa**

As instituições escolares participantes deste estudo foram indicadas pela Secretaria Municipal da Cidade de Barreiras, que identificou alunos com Transtorno do Espectro Autista nessas instituições. Foram pesquisados professores em dez escolas diferentes do município, sendo escolhido um professor por escola para participar.

#### **3.3 Participantes**

Participaram desta pesquisa professores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, no total de 10 profissionais docentes, divididos em Ensino Fundamental 1 e 2 de escolas públicas em Barreiras-BA. Para desenvolvimento da pesquisa, foi assinado pelos participantes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual segue os critérios da ética em pesquisa conforme resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As informações pessoais de cada participante foram preservadas, nas quais os critérios éticos prevalecem. Foi de livre vontade a aceitação em colaborar com o estudo (Apêndice B).

### **3.4 Instrumentos e Procedimentos de Pesquisa**

Foi utilizado um questionário previamente elaborado (Apêndice A), seguindo as diretrizes dos objetivos específicos deste trabalho. Para Chagas (2000), a construção de um questionário não depende só do conhecimento de técnicas, mas também de um método de elaboração, pois identifica as etapas básicas envolvidas na construção de um instrumento eficaz.

Verussa e Coan (2011), afirmam que, em uma pesquisa, o questionário é um instrumento ou programa de dados. A linguagem do questionário deve ser bem simples e direta para que o respondente compreenda com clareza o que está sendo perguntado. Dessa forma, o questionário aplicado aos professores tinha sete questões, visando entender quais os conhecimentos e as práticas dos professores de ciências com alunos com TEA no ambiente escolar.

### **3.5 Análise de dados**

A metodologia utilizada para análise dos dados dos questionários foi a análise de conteúdo que segundo Moraes (1999), constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de textos e documentos. Conduzindo à descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, essa análise ajuda a reinterpretar e compreender mensagens num nível que vai além de uma leitura comum.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada entre os dias 24 de outubro a 26 de novembro do ano 2019, com comparecimento em todas as escolas sugeridas pela Secretaria de Educação da cidade de Barreiras-BA. Foram aplicados dez questionários a professores de ciências que já tiveram ou ainda têm alunos com Transtorno do Espectro Autista em sala de aula. Foram entregues Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que os professores assinarem. A análise das respostas dos questionários foi organizada em três blocos temáticos: Compreensão sobre os processos de inclusão e sobre o conceito do TEA; Abordagem com o aluno autista nas aulas de Ciências; e Questões metodológicas em relação ao auxiliar e o AEE.

A aplicação dos questionários aconteceu em horários anteriormente combinados com os professores, que em sua maioria era do sexo feminino (9), do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

### 4.1 Compreensão sobre os processos de inclusão e sobre o conceito do TEA

Foi questionado inicialmente se os professores sabiam o que era inclusão. Para autores como Neto *et al.*, (2013), a educação inclusiva pode ser definida como uma prática de inclusão de todos independente, de seu talento, deficiência, origem socioeconômica e cultural, em escolas e salas de aula onde as necessidades desses alunos sejam satisfeitas.

A maioria dos docentes indicou ter conhecimento sobre o conceito de inclusão.

Em relação às respostas dos professores se destacam as seguintes:

*“Inclusão é todos terem acesso a Educação de forma igualitária, todas as pessoas terem o mesmo direito sem discriminação” (Professor 1, 1ºano F1).*

*“É um habito que possibilita tratar os indivíduos de maneira igual, respeitando sua especificidade, potencialidades e limitações, não só âmbito educacional e social” (Professora 3, 6º ano F2).*

A questão seguinte deste bloco perguntou aos entrevistados se conheciam o significado de Educação Especial. Todos responderam que sim, demonstrando algum conhecimento acerca do tema.

Segundo Silva (2017), a educação especial traz uma preocupação para o âmbito educacional, para demonstrar que todas as crianças deficientes ou não, tem a capacidade de se destacar, e apoiada no que para a autora significa “um estímulo do potencial das crianças”, onde é de suma importância para se traçar novos caminhos para a Educação.

*“A Educação Especial é uma área da Educação destinada ao atendimento educacional especializado, ou seja, ela ocorre no contexto das escolas regulares”* **(Professor 2, 1º ano F1).**

*“Modalidade da educação que afeta a comunicação e a capacidade de aprendizado e adaptação da criança”* **(Professora 4, 3º ano F1).**

A última questão deste bloco quis avaliar se os professores entrevistados sabiam o que era Transtorno do Espectro Autista (TEA), houve uma divergência entre as respostas. Dos dez entrevistados, nove tinham conhecimento prévio do assunto, e um professor confessou não compreender bem o transtorno.

*“Apesar de estudar sobre o assunto, confesso que não compreendo bem este transtorno. Entendo que é um problema psiquiátrico que afeta a comunicação aprendizado e adaptação social”* **(Professor 2, 1º ano F1).**

*“Transtorno de desenvolvimento que afeta a comunicação e a interação social do indivíduo”* **(Professora 3, 6º ano F2).**

Para Harris (2018), cita Leo Kanner como o autor do termo autismo, termo utilizado para definir indivíduos acometidos por distúrbios de contato afetivo, isentos de linguagem, incapazes de efetuar trocas sócias afetivas com o outro. Pessoas com Transtorno do Espectro Autista, segundo Silva (2012), possuem um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento. A principal área prejudicada é a interação social. Existe uma dificuldade de interpretar os sinais sociais e a intenções dos outros, o que dificulta muito que as pessoas com autismo percebam adequadamente algumas situações cotidianas. A segunda área comprometida é a da comunicação verbal e não verbal. E a terceira é das inadequações

comportamentais. Crianças com TEA normalmente possuem interesses e atividades restritos e repetitivos (como interessar-se somente por trens, carros, dinossauros, etc.) e têm dificuldade de lidar com o inesperado (com a quebra de rotina).

Schimdt *et al.*, (2016), destaca que a escola é a luz para as políticas inclusivas atuais, visa ampliar o acesso desses educandos às classes regulares. Em termos legais, três documentos (Política Nacional de Educação Especial, Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e a Nota Técnica n. 24) exemplificam essa preocupação.

#### **4.2 Abordagem do aluno com TEA nas aulas de Ciências**

O segundo bloco questionou o planejamento dos professores para com os alunos autistas e a dificuldade ou não em trabalhar em salas de aula com estes alunos. A primeira questão quis saber se, em seu planejamento, os professores levaram em conta as especificidades dos alunos autistas para organizar suas aulas.

Dos professores entrevistados, seis informaram que levam em conta as especificidades dos alunos autistas em suas aulas e 4 responderam que não:

*“Sim, sequência de atividades, por exemplo, ao trabalhar com elementos da água, a estratégia utilizada com o aluno autista, foi utilizado para ele imagens e experiências para facilitar seu entendimento, e em tarefas escritas os alunos escrevem termos que estejam representando o assunto” (Professor 5, 9º ano F2).*

*“Não, o planejamento é um só para todos, apenas ofereço um atendimento especializado na hora de passar o conteúdo para ele” (Professor 6, 6º ano F1).*

Segundo Machado e Luterek (2016), os professores de qualquer disciplina que trabalhem com alunos autistas podem e devem abusar de elementos lúdicos e estratégias que facilitem o entendimento destes alunos, quanto mais estímulos forem dados a esta criança, mais ela irá se desenvolver.

Um novo conceito para melhorar o ensino e a aprendizagem está na utilização de metodologias ativas para alunos com TEA, estas podem ser definidas como uso de processos interativos de conhecimento em que o aluno passará a analisar, estudar e

pesquisar, com a finalidade de encontrar soluções para problemas, inserindo-o desta forma como agente principal de sua aprendizagem (BERBEL, 2011).

Sobre quais as dificuldades em ministrar aulas para alunos autistas. Dos dez professores entrevistados nove disseram não ter dificuldade com alunos autistas em sala, mas um evidenciou ter muita insegurança apesar de ter estudado e ter conhecimento sobre o assunto.

*“Nenhuma dificuldade, temos orientação constante com curso, palestra e até atendimento individual (se achar necessário com a profissional da sala)” Professor 5, 9º ano F2).*

*“Tenho muita insegurança, apesar de já ter estudado um pouco sobre esse transtorno, porque precisa de uma atenção maior para este aluno” (Professor 6, 6º ano F1).*

Para Souza e Silva (2014), o modo de educar indivíduos com autismo é significativamente limitado, devido às alterações envolvidas nesse espectro (comportamento, socialização e comunicação) e à falta de profissionais especializados, o profissional deve manter-se informado, participando de formações contínuas e precisa receber suporte de equipes multidisciplinares e da instituição.

Para Borges *et al.*, (2011), o processo de inclusão do aluno autista na escola nos tempos atuais não é eficiente, pois os professores da educação básica não estão preparados para lidar com alunos especiais em suas turmas, seja em classes regulares ou classes especiais.

Segundo Oliveira e Paula (2012), a escolarização de alunos com Transtorno do Espectro Autista representa um desafio, portanto estudos sobre inclusão escolar são relevantes, uma vez que discutir esse cenário torna-se muito importante para reflexão e elaboração de políticas públicas.

#### **4.3 Questões metodológicas e a relação com o auxiliar e o AEE**

O terceiro e último bloco tratou do acompanhamento prestado entre os alunos autistas (seja o auxiliar de sala ou Atendimento Educacional Especializado) AEE, e como isso pode interferir na metodologia utilizada pelo professor. A questão inicial

buscou saber se há um acompanhamento aos alunos autistas e se o auxiliar de alguma forma ajuda. Além disso, investigou-se se os alunos com TEA compreendem os conteúdos de Ciências com facilidade (em relação aos demais alunos).

Todos os professores afirmaram possuir auxiliares, mas divergiram ao relatar o papel deste profissional com os alunos autistas, ao ponto de um dos professores pesquisados citarem que o auxiliar não ajuda em absolutamente nada com o aluno atendido. Os demais parecem satisfeitos com os auxiliares e com sua dedicação para com alunos. De acordo com as respostas analisadas, parece que a presença do auxiliar em sala tem pouco impacto na metodologia aplicada pelo professor. Ele tem somente uma função de cuidador, mas não funciona com um recurso metodológico para o professor.

*“Sim, tenho um auxiliar, mas o aluno compreende bem o que é transmitido.”*  
**(Professor 7, 1º ano F1).**

*“Tem a cuidadora, mas eles não fazem quase nada em sala de aula. Ela ajuda em pouca coisa, mais em casa”* **(Professor 8, 1º ano F1).**

A questão subsequente analisou se os alunos tem algum acompanhamento fora da sala de aula. Foi constatado, através dos dez professores pesquisados, que há o acompanhamento, principalmente das salas de AEE. Percebeu-se o apoio do profissional do AEE pode facilitar o trabalho do professor na sala de aula regular.

*“Sim na sala de recursos, com uma professora especializada na área, ela participa das reuniões pedagógicas, por isso nos auxilia”* **(Professora 9, 6º ano F2).**

*“Sim, possui a sala de recurso, em horário oposto da aula, o atendimento na sala do AEE.”* **(Professora 10, 3º ano F1).**

Para Nunes, Azevedo e Schimdt (2013), que as ações de inclusão de alunos autistas dependem bastante no ambiente escolar do AEE, que tem como função elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos nas escolas públicas e privadas, considerando as suas necessidades específicas.

Segundo o Ministério da Educação (2008):

“O objetivo das Salas de Recursos Multifuncionais é: Apoiar a organização e a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE, prestado de forma complementar ou suplementar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação matriculados em classes comuns do ensino regular, assegurando-lhes condições de acesso, participação e aprendizagem”.

Para Viana e Teixeira (2019), a sala de AEE tem como objetivo de garantir o acesso ao ensino regular em igualdade de condições com os alunos e oferecem aos alunos apoios complementar ou suplementar à escolarização em classe comum, podendo ser ofertado no contra turno, o que é importante é salientar a capacitação dos professores para esse novo processo de ensino e aprendizagem para que possam enfrentar esse desafio com subsídios que os ajudem a reelaborarem suas propostas pedagógicas em materiais didáticos e pedagógicos acessíveis aos alunos com deficiência.

É importante ressaltar o papel das salas e conseqüentemente dos profissionais do AEE, pois são mediadores e potencializadores da interação social da pessoa com deficiência no mundo. Nesse sentido, pode ser concebido como um privilegiado instrumento catalisador e estimulador de novos caminhos e novas possibilidades para o aprendizado e desenvolvimento dos alunos (SOUZA, 2017).

Mesmo havendo salas de AEE na maioria das escolas, a quantidade de pessoas especializadas para atender nessas salas é pouca, sendo que este ambiente se beneficia do uso das inúmeras mediações nas relações sociais e interpessoais no espaço escolar, as quais são marcadas pelos conflitos e contradições na vida em sociedade. As salas de AEE tem como foco principal, eliminar as barreiras que prejudique as possibilidades de aprendizagem e a permanência no ensino regular (SILVA; OLIVEIRA; AGUIAR, 2015).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa conseguiu através do questionamento com dez professores de ciências de 1º a 9º ano elaborar um conjunto de elementos de representação das ideias destes profissionais da Educação. Diante três eixos temáticos, foram abordadas a compreensão sobre os processos de inclusão e sobre o conceito do TEA, abordagem do aluno com TEA nas aulas de Ciências, e as questões metodológicas incluindo a relação com o auxiliar de sala e o AEE.

Foram apresentadas as opiniões dos professores questionados em relação ao conhecimento sobre a Educação Especial e a inclusão do aluno Autista, uma vez que todos os profissionais responderam dentro do seu entendimento o que significava Educação Especial e Autismo, expondo sua relação e o nível de familiaridade com os assuntos.

Com relação à metodologia utilizada pelos professores de ciências para com os alunos com Autismo, a maioria deles procura ajustar algumas metodologias às especificidades dos alunos autistas para, de certa forma, adequar seus ensinamentos. Outros trabalham de forma unilateral os seus conteúdos, apostando em atendimento especial na hora de passar aos seus alunos. O que pode ser considerado é a melhoria dessas metodologias de forma gradativa, com atividades lúdicas, recursos virtuais, e outras estimulações que possam ser úteis para crianças com TEA. O trabalho do auxiliar de sala se faz necessário para o auxílio aos professores com os alunos autistas, para que o trabalho fique alinhado em relação aos outros alunos da classe. Sobre possuírem auxiliar de sala de aula, todos possuíam este profissional, porém, um dos participantes alegou que este não ajudava no trato com alunos autistas. Considera-se que este profissional tenha que desempenhar uma função de confiança e de auxílio para o professor, e que seja um elo entre o aluno que apresente TEA e o docente. Espera-se que este educador-auxiliar seja preparado e licenciado para tal função iminente responsável.

A troca de informações com o profissional de AEE também é essencial para o trabalho que os professores podem desenvolver com o aluno autista. Ajuste

metodológico e comportamental assim como uma ampliação dos conhecimentos do professor pode acontecer a partir dessas partilhas no ambiente educacional.

Seria necessário, sem dúvida, um aprimoramento das técnicas e métodos do professor através de cursos (formação continuada) que privilegiem o trabalho com alunos autistas. Especificamente na área de ciências, novos cursos e especializações auxiliariam os professores a ajustarem os conteúdos a novas abordagens metodológicas que atendessem diferentes tipos de transtorno e de deficiências.

Para concluir, é fundamental que fique claro que quando se fala em Educação para alunos autistas, é preciso se ter em mente que além de ser um ensinamento também se torna um aprendizado, que deve estar incluso temas de habilidade social, linguagem, comunicação e comportamentos adaptativos. Esse processo deve ser espelhado em práticas que atendam e incluam famílias, educadores, profissionais extra-escolares. Para isso, são indispensáveis outras pesquisas em relação ao ensino inclusivo e de qualidade e na condução satisfatória de metodologias factíveis com alunos autistas.

Verifica-se que a inclusão efetiva dos alunos com TEA depende das condições que a escola e os professores dispõem para oferecer e isso passa pela construção de políticas públicas mais eficientes para atender os indivíduos com necessidades educacionais específicas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. Z.; ARAÚJO, M. P. M. Jogos e brincadeiras para crianças autistas: possibilidades nas aulas de Educação Física. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL*, 5., 2018, Vitória. **Anais...** Vitória: UFES, 2018. p. 283- 299.

AZEVEDO, M. Q. O. **Estratégias de ensino e aprendizagem desenvolvidas com alunos com transtorno do espectro autista na escola regular: uma revisão integrativa da literatura**. 2018. 153f. Dissertação (Mestrado em Pedagogia)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BORGES, L. H. *et al.* Abordagem acerca da inclusão de um aluno autista no Ensino Regular. **Revista da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu**, Manhuaçu, v. 5, p. 13-22, 2011.

BRANDE, C. A.; ZANFELICE, C. C. A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.25, p.43-56, 2012.

CHAGAS, A. T. R.; **O questionário na pesquisa científica**. Disponível em <[www.amazonaws.cademia.edu.documents/38538199/questionarios.pdf?response-content-disposition=inline%](http://www.amazonaws.cademia.edu.documents/38538199/questionarios.pdf?response-content-disposition=inline%>)> Acesso em 10 de Dezembro de 2019.

DIAS, R. I. R. **Revista EAD Tecnologias Digitais na Educação**, Dourados, v.7, n. 9, 2018.

DIOGO, J. M. *et al.* **Currículo e internacionalização: o contexto do ensino superior angolano e a agenda da educação da UNESCO 2030**. 2018. 118f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação)- Universidade do Minho, Minho, 2018.

DUARTE, L. P.; **Educação inclusiva: A Prática Docente com Relação aos Alunos Deficientes das Escolas Públicas do Ensino Fundamental no Município de Oriximiná, no Oeste do Estado do Pará - Brasil**. 2019. 89f. Dissertação (Mestre em Ciências da Educação)- Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2019.

EGIDO, S. V. *et al.* O uso de dispositivos móveis em sala de aula: possibilidades com o app inventor. *In: CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO*, 3., 2018, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC. 2018. p. 289-301.

FERNANDES, M. F. M. **Desafios e possibilidades encontrados nos processos de inclusão escolar de alunos com transtornos do espectro autista**. 2015. 43f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar)- Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FIGUEIRA, E. **Conversando sobre inclusão Escolar com a família**. 2. ed. São Paulo: Edição Autor, 2014.

FINK, I. C. **Autismo e educação: possibilidades e estratégias de inclusão**. 2018. 43f. Monografia (Graduação em Pedagogia)- Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2018.

FREITAS, C. G.; DELOU. C. M.; CASTRO, H. C. Percepção dos professores de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia sobre o atendimento aos alunos com deficiência. **Revista Conhecimento e Diversidade**, Niterói, v.11, n.24, p, 104-123, 2019.

GOLENDZINER, S. **Caracterização do vocabulário expressivo em crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista**. 2011. 93f. Dissertação (Mestrado em Saúde de Criança e do Adolescente)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

GOMES, F. B. **Inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) no ensino de ciências nas escolas públicas municipais de Dom Pedrito/RS**. 2019. 42f. **Monografia** (Licenciatura em Ciências da Natureza)- Universidade Federal do Pampa, Dom Pedrito, 2019.

HARRIS, J. Leo Kanner e autismo: uma perspectiva de 75. **Revista Internacional de Psiquiatria**, v. 30, p.3-17, 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**, 2016. Brasília, MEC, 2016.

JOSÉ, E. A.; COELHO, M. **Problemas de Aprendizagem: Série Educação**. 12. ed. São Paulo: Editora Ática. 2008.

KELMAM, C. A.; ALBUQUERQUE, D.; BARBATO, S. **Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010.

LEAL, R. F. O aluno autista na perspectiva inclusiva. **Revista Unisanta Humanitas**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 34-47, 2017.

LIMA, L. D. A necessidade da inserção do Psicólogo escolar nas instituições de ensino e a educação inclusiva. **Revista Ciências Humanas e Sociais**, v. 55, n. 1, p. 55-66, 2018.

MACHADO, M. Z. V.; CORREA, H. T. Literatura no ensino fundamental: uma formação para o estético. Língua Portuguesa: ensino fundamental. *In*: RANGEL, .E. O. e ROJO, R. H. R. (Orgs.). **Coleção explorando o ensino**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 107-128.

MACHADO, A. L.; LUTEREK, L. P. **Contribuição da atividade lúdica no desenvolvimento do aluno autista no ensino regular**. 2016. 34f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)- Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016.

MARQUES, R. D. S. E. **A importância da escola no desenvolvimento do aluno com o Transtorno Autista**. 2018. 33f. Monografia (Graduação em Saúde coletiva). Universidade Federal de Goiânia, Goiânia, 2018.

MORAES, R.; Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p.7-32, 1999.

MORGADO, V. L. M. P.; **Estratégias a utilizar para promover a inclusão escolar de um aluno com autismo**. 2011. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial)- Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2011.

NETO, F. E. A prática pedagógica com alunos autistas na educação infantil **Interdisciplinary Scientific Journal**, v.6, p.43,2019.

NETO, F. E.; CORREA, J. B.; SOUZA, M. E. G.; A prática pedagógica com alunos autistas na Educação Infantil. In: SEMINÁRIO DE SAÚDE MENTAL DO NORTE E NOROESTE FLUMINENSE. 1., 2018. Campos dos Goytacazes, **Anais...** Campos dos Goytacazes: UENF, 2018, p. 43-63

NETO, O. P. S. *et al.* **G-TEA**: Uma ferramenta no auxílio da aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista, baseada na metodologia ABA. **Revista S B Games**, São Paulo, p. 16-18, 2013.

NOGUEIRA, M. L. M. Transtornos do Espectro do Autismo: O que a psicologia social tem a ver com isso? **Cadernos de Pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento**, São Paulo, v.15, n.1, p.63-77, 2015.

NUNES, D. R. P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHMIDT, C.; Inclusão educação de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.26, p. 557-572, 2013.

OLIVEIRA, J.; PAULA, C. S.; Estado da arte sobre inclusão escolar de alunos com transtornos do espectro do autismo no Brasil. **Revista Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 12, n. 1, p. 53-65, 2012.

OLIVEIRA, B. D. C. *et al.* Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. **Revista Physis**, v.3, p. 707- 726, 2017.

RESENDE, E. C. **Políticas de inclusão escolar: a inclusão de crianças autistas nas escolas municipais de Amargosa – BA**. 2019. 38f. (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2019.

SERRA, D. Sobre a inclusão da criança com autismo na escola regular. Quando o campo é quem escolhe a teoria. **Revista de Psicologia**, v.1, n 2, p. 163-176, 2010.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

SILVA, M. K.; BALBINO, E. S.; A importância da formação do professor frente ao Transtorno do Espectro Autista- TEA: Estratégias educativas adaptativas. In: VI ENCONTRO ALAGOANO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA. 6., 2015, Maceió, **Anais...** Maceió: UFAL, 2015.

SILVA, M. M.; NUNES, C. A.; SOBRAL, M. S. C. A Inclusão Educacional de Alunos com Autismo: Desafios e Possibilidades. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.13, n.43, p. 151-163, 2019.

SILVA, N. L. P. *et al.* O papel psicológico escolar : Concepções de professores e gestores. **Revista Psicologia escolar e educacional**, v.21, n.3, p. 407-415, 2017.

- SILVA, S. F.; ALMEIDA, A. L. Atendimento educacional especializado para aluno com autismo: Desafios e possibilidades. **International Journal Of Knowledge Engineering And Management**, v.1, p.62-88, 2018.
- SILVA, S. G. Os benefícios da atividade física para pessoas com autismo. **Revista Diálogo em Saúde**, v.1, p. 127-138, 2018.
- SILVA, M. D. *et al.* O lúdico dos jogos e das brincadeiras no ensino inclusivo de crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão de literatura. **Revista Research, Society And Development**, v. 8, 2019.
- SOUSA, M. J. S. **Professor e o autismo: Desafios de uma inclusão com qualidade**. 2015. 34f. Monografia (Especialização em desenvolvimento Humano). Universidade de Brasília, 2015.
- SOUZA, J. R.; ASSIS, R. M. Alunos autistas nas aulas de educação física: limites e possibilidades do trabalho cotidiano. *In: I ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA*. 1., 2015, Jataí: **Anais..** Jataí, 2015.
- SOUZA, J. C.; SILVA, Z. C. **Inclusão de uma aluna com transtorno do espectro autista no ensino fundamental**. 2018. 14f. Monografia (graduação em Pedagogia). Faculdade Multivix, Cariacica, 2018.
- TELES P. S.; CRUZ, C. L. P.; A prática esportiva como instrumento de inclusão: um estudo de caso sobre aprendizagem e desenvolvimento de aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *In: ENCONTRO ESTADUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PELA FORMAÇÃO DE PROFESSORES SEÇÃO SERGIPE*. 4., 2018, Sergipe: UNIT. **Anais...** Sergipe, 2018.
- TEODORO, G. C.; GODINHO, M. C. S.; HACHIMINE, A. H. F. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. **Research, Society and Development**, v. 1, n. 2, p. 127-143, 2016.
- VERUSSA, C. C. A; COAN, M. C. O trabalho sobre sexualidade nas escolas municipais de Campo Mourão- PR na concepção dos gestores educacionais. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 6, n. 14, 2011.
- VIANA, M. L.; TEIXEIRA, M. R. F. Sala de atendimento educacional especializada (AEE): O uso da Tecnologia Assistiva no processo de inclusão dos alunos nas atividades de ensino aprendizagem. **Revista Brazilian Journal of Education, Technology and Society**, v.12, n.1, p.72-79, 2019.

**APÊNDICE A****QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS 1º A 9º ANO**

1. O que você entende por inclusão? Exemplifique.

---

---

---

---

---

---

---

---

2. O que você entende por Educação Especial?

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Qual a sua compreensão sobre Autismo ou Transtorno do Espectro Autista?

---

---

---

---

---

---

---

---

4. Ao planejar suas aulas, você levou em consideração as especificidades do aluno autista em seu planejamento? Exemplifique algum plano de aula elaborado ou aula ministrada.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

5. Você tinha um auxiliar em sala para o trabalho com o aluno autista? Se sim, ele contribuiu de alguma forma em seu planejamento ou em sua metodologia com o aluno? Se não, como você fez para que esse aluno autista também compreendesse o conteúdo como os demais alunos?

---

---

---

---

---

6. O aluno autista tinha algum acompanhamento especializado fora da sala de aula, ou seja, no turno oposto? Se sim, onde era e por quem? Você tinha contato com esse profissional? De alguma forma o contato com esse profissional contribuiu para sua relação com esse aluno?

---

---

---

---

---

---

---

7. Que dificuldades que você teve ao ministrar aula tendo um aluno autista em classe regular?

---

---

---

---

---

---

**Idade do professor:** \_\_\_\_\_

**Séries que leciona:** \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B**

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

---

**TRABALHO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS COM ALUNOS COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Cauana Michele Araújo dos Santos

Contatos: (77) 998007864 e e-mail: cauannamichelle@hotmail.com

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado/a que a pesquisadora Cauana Michele Araújo dos Santos está realizando uma pesquisa em nível de graduação, desenvolvida junto a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus IX, sob a orientação da Profa. Me. Raquel Lima Besnosik.

O objetivo do estudo é investigar o trabalho de professores de ciências com alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Estou ciente de que minha participação nessa pesquisa é totalmente voluntária e que posso interrompê-la a qualquer tempo, se assim o desejar.

Recebi a garantia de que as identidades dos participantes serão mantidas em sigilo e confidencialidade e que as informações da pesquisa serão utilizadas apenas no espaço acadêmico e para publicações científicas, assegurando, contudo meu anonimato e minha privacidade.

---

Nome legível

Assinatura